

## **O PRODUTIVISMO ACADÊMICO E A QUALIDADE DE VIDA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: BREVE PESQUISA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFF**

Rosane Barbosa Marendino  
UFF - rosane.marendino@gmail.com

Jean Pablo Silva de Lima  
UFF – jeanpablo@id.uff.br

Heloíza Carla Cardoso Lisboa  
UFF – heloiza\_lisboa@id.uff.br

**Resumo:** Com o objetivo de estimular percepções à cerca da complexidade que envolve o tema referente ao bem-estar dos estudantes universitários, essa pesquisa dedica-se a compreender tal questão junto ao curso de Pedagogia da UFF. Em abordagem qualitativa de pesquisa, foram realizadas entrevistas com estudantes de variados períodos do curso, posteriormente submetidas à análise do discurso como condução metodológica. Conclui-se que o produtivismo acadêmico – fenômeno cada vez mais crescente nas universidades - tem se tornado um dos fatores geradores das principais patologias entre os estudantes, afetando sobretudo a longevidade escolar e os índices de evasão.

**Palavras-chave:** ensino superior; ações de permanência; bem-estar do estudante universitário.

### **INTRODUÇÃO**

Situações envolvendo a saúde e qualidade de vida do estudante universitário tem se tornado um assunto cada vez mais presente na atual sociedade brasileira. Com relativa frequência temos nos deparado com reportagens, na mídia em geral, contendo relatos sobre o fato. Diante disso, é possível perceber que o bem-estar físico e mental dos estudantes universitários parece cada vez mais ameaçado diante dos objetivos impostos pela sociedade e reproduzidos no interior das universidades.

Assim sendo, a pesquisa aqui apresentada se propõe a investigar como essa realidade tem se apresentado nas universidades públicas, mais precisamente no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF), onde formam-se profissionais da educação e que tem como princípio prezar por um projeto político pedagógico de qualidade e excelência.

Parte-se da indagação sobre a forma como os próprios alunos percebem o que o conceito de “bem-estar” e como classificam o seu próprio “estado de bem-estar” dentro da instituição.

Também pretendeu-se compreender se a universidade influencia, ou não, nos aspectos da saúde e da qualidade de vida dessas pessoas.

Complementando a investigação, houve o interesse em verificar se haveria, dentro da universidade, a disponibilidade para atendimento aos alunos que se encontram fragilizados, debilitados ou doentes por causa das pressões e vivências do meio acadêmico, levando em conta os muitos fatores que levam a esse adoecimento.

Durante a pesquisa, foi possível identificar movimentos de estudantes e professores de diversas universidades em prol da saúde mental. Portanto, considerou-se a importância de apresentar essas ações como mobilizações significativas que têm contribuído para dar destaque ao tema e para encará-lo como um grande problema social que não pode mais ser ignorado.

Por tratar-se de uma breve pesquisa, realizada como proposta avaliativa em uma disciplina oferecida na FEUFF<sup>1</sup>, buscou-se formas de dinamizar o tratamento metodológico. Em um primeiro momento a pesquisa dedicou-se ao levantamento bibliográfico sobre o tema, com a finalidade de compreender melhor a problemática da investigação através de referências teóricas já publicadas e que serviram como embasamento para o desenvolvimento do trabalho. Portanto, vale destacar que a pesquisa foi realizada em um tempo relativamente curto, mas tal fato não impediu que alguns resultados fossem revelados, sugerindo, dessa forma, a relevância e urgência de mais investigações sobre a temática.

## **METODOLOGIA**

Apresentado o objetivo da pesquisa que teve, como pano de fundo, compreender quais os principais fatores que têm contribuído para o adoecimento dos discentes do curso de Pedagogia da UFF, partiu-se para o desenho metodológico considerando o conceito de “escuta sensível” que, para Barbier (1997) é ligada, todo o tempo, na dimensão experiencial. Ao ouvir sensivelmente os estudantes entrevistados, foram consideradas as suas maneiras de viver, de perceber o sofrimento, assim como suas histórias pessoais e suas dores.

Vale destacar que a escuta sensível é o modo de tomar consciência e de interferir próprio do pesquisador ou educador que adote essa lógica de abordagem transversal (BARBIER, 1998, p. 172). Ou seja, ouvir para compreender exige muito mais do que geralmente é feito. Requer

---

<sup>1</sup> A referida disciplina é designada como Tópicos Especiais em Sociologia da Educação, oferecida no período de 2017.2 no cronograma da FEUFF.

uma sensibilidade maior em relação ao outro, que dificilmente se conseguiria sem que o espaço para o diálogo autêntico existisse.

Portanto, durante as entrevistas, buscou-se dar foco às principais reclamações, aos sintomas relatados e às queixas levantadas pelos entrevistados, tentando, dessa forma, capturar as idiossincrasias e o que cada um experimenta a partir da sua própria percepção. guiadas por um roteiro semiestruturado, com foco no conceito de adoecimento construído por esses estudantes.

As entrevistas foram transcritas, organizadas e sistematizadas para posterior análise do discurso (ORLANDI, 2005 e PÊCHEUX, 1988). Para Pêcheux,

A linguagem não é mais concebida como apenas um sistema de regras formais com os estudos discursivos. A linguagem é pensada em sua prática, atribuindo valor ao trabalho com o simbólico, com a divisão política dos sentidos, visto que o sentido é movente e instável. O objeto de apreciação de estudo deixa de ser a frase, e passa a ser o discurso, uma vez que foge da apreciação palavra por palavra na interpretação como uma sequência fechada em si mesma (BRASIL, 2011, p. 172).

Compreender os simbolismos, analisar as subjetividades contidas nas falas e observar o que se apresentava nos discursos foram as hermenêuticas que constituíram o foco principal da escuta e da análise. O cenário de pesquisa foi a própria Faculdade de Educação da UFF, Campus Gragoatá, situada no município de Niterói- RJ. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos regularmente matriculados no curso de Pedagogia da FEUFF, de variados períodos.

A escolha dos entrevistados ocorreu de forma intencional. Buscou-se por alunos que já tivessem manifestado para seus pares algum tipo de queixa de saúde ou de relatos sobre doenças, com foco psicossomático, após terem ingressado na universidade. O número de entrevistados não estava definido previamente, tendo em vista a dificuldade de encontrar pessoas dispostas a falar sobre um assunto tão delicado. O que se pôde perceber nesta busca é que há, geralmente, uma inicial recusa a falar sobre si. Algumas tentativas foram frustradas e outras bem-sucedidas. Dentre aqueles que concordaram com as entrevistas de forma mais aprofundada, alguns foram escolhidos como sujeitos da pesquisa. Após as investigações, conseguiu-se chegar a seis alunos que mostraram interesse em participar. Portanto, compuseram esse quadro um estudante do 3º período; duas estudantes do 5º período; um estudante do 8º período; uma estudante do 9º período e uma estudante recém egressa. Todos discentes do curso de Pedagogia na UFF . Ao longo do texto, as narrativas serão apresentadas e contextualizadas.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ideia de “produtivismo” pode ter, como significado, a produção de uma grande quantidade de algo que, nesse caso, podemos - ou não - querer e fazer. Bourdieu (1976, p. 31 e 2004) já indagava sobre isso, ao formular a pergunta que dá nome a esse subtítulo. Esta pergunta pode ser um bom início de reflexão e que pode trazer à tona a análise das condições históricas do trabalho nas instituições brasileiras pautadas, muitas vezes, pelas denúncias sistemáticas e pelas iniciativas de combate ao produtivismo, à cultura individualista e ao mercantilismo que têm assolado as instituições de educação superior.

No que se refere ao meio acadêmico, o produtivismo exacerbado é então explicado, por exemplo, pela grande produção de trabalhos acadêmicos exigidos dentro da universidade, demanda essa que afeta tanto discentes quanto docentes, que são a todo o tempo cobrados por prazos e sentem-se pressionados. Essa grande demanda tem se tornado uma das maiores queixas de alunos e professores universitários na atualidade. O produtivismo acadêmico foi erigido a “fetiche-mercadoria-conhecimento” (TREIN e RODRIGUES, 2010, s/p) e, segundo Machado e Bianchetti

(...) transformou os intelectuais em estressados, medicados, eficientes operários de alto padrão, seres "sem tempo" para a principal atribuição: analisar com rigor crítico a complexidade dos processos em curso (naturais ou sociais), possibilitando descortinar a lógica subjacente que comanda o espetáculo da história (MACHADO e BIANCHETTI, 2011, s/p).

No caso dos estudantes, parece que essa situação se agrava: além da exagerada produção de trabalhos, há também a pressão por notas boas, a falta de preparo para o que é exigido na universidade, prazos curtos, dificuldades com os programas de assistência estudantil, preocupação com o futuro profissional, falta de compreensão de docentes, e na grande maioria das vezes, a falta de tempo de dar conta disso tudo e ainda precisar conciliar as atividades com seus trabalhos. Todos esses fatores unidos têm resultado num grande quantitativo de evasões, doenças físicas e mentais, um alto índice de estresse e nos casos mais graves, o suicídio.

Apesar dos avanços nas questões de assistência estudantil - que visam facilitar não só o acesso, mas a permanência nas universidades públicas - muitas vezes esses programas não são eficientes, ou na maioria das vezes, não são suficientes, pois não atendem às demandas de todos os estudantes.

*Minha família não tem condições, então além de estudar, eu preciso trabalhar para me manter. A faculdade é pública, mas o transporte e alimentação, por exemplo, não são. Eu moro longe, o BusUFF é uma conquista, mas ele não vai me buscar em Ramos, então eu gasto muito dinheiro de passagem, tenho que trabalhar pra arcar esses custos. E te falar: não é fácil trabalhar e estudar, essa jornada dupla é tensa demais! Muitas vezes eu não dou conta, não tenho tempo pra dar conta. Já era pra ter me formado desde 2015, mas não dei conta. Por conta de toda essa pressão da academia, mais trabalho e problemas pessoais que a gente tem pelo caminho, eu tive uma depressão grave, e por pouco não desisti disso aqui. Porque o curso é tido como parcial, mas não é isso que parece, parece que você tem que se dedicar 24 horas apenas à faculdade pra conseguir concluir. O currículo te cobra isso” (trechos depoimento de J, aluna que não conseguiu concluir no tempo “certo” - UFF).*

A narrativa dessa estudante não está distante do que acontece em várias universidades do país. À título de ilustração, apresentamos dados que mostram que, apenas na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), foram 22 tentativas de suicídio nos últimos cinco anos. Nas universidades federais de São Paulo (Unifesp) e do ABC (UFABC), cinco estudantes concretizaram o ato no mesmo período. Um levantamento feito pela UFABC mostrou que 11% de seus alunos que trancaram a matrícula em 2016, e o fizeram por problemas psicológicos (Cambricoli e Toledo, 2017). A falta de compreensão de parte dos docentes foi uma das principais queixas apontadas na referida pesquisa.

Para o psicólogo André Luís Masieiro, do Departamento de Atenção à Saúde da UFSCar, as questões psicológicas que têm afetado os estudantes estão frequentemente ligadas à exigência constante que se faz aos jovens. "Sem dúvidas há um aumento do fenômeno da depressão em universitários. A ameaça do desemprego e do fracasso profissional são fatores desencadeantes de depressão." (Cambricoli e Toledo, 2017, p.4).

Buscando trazer essa pesquisa para a nossa realidade, realizamos entrevistas com colegas universitários do curso de pedagogia, e os dados encontrados não foram muito diferentes dos vistos em outros estados.

Uma reclamação recorrente na fala da maioria dos alunos entrevistados foi o quanto eles sofreram para se adaptar ao ambiente universitário, e como grande parte dos professores parece insensível à essa transição, visto que o Ensino Médio não prepara para a vida na universidade.

*A gente passa por uma pressão absurda pra conseguir entrar numa universidade federal como a UFF, mas esse não é o grande problema. Os professores acham que a gente tem que chegar aqui pronto. Cobram trabalhos que eu nem sabia que existia, e cada um com um nome diferente, e querem que esteja perfeito, cobram qualidade. Mas pô (sic), eu não aprendi a fazer isso, e eles não fazem a menor questão de ensinar. A gente tem que se virar e aprender na marra.” (trecho do depoimento de F, aluna do 8º período).*

Essa queixa sobre a insensibilidade por parte do professor é um forte ponto que tem sido apontado e que indica afetar a qualidade de vida por

parte dos estudantes. As reclamações são as mais variadas possíveis.

*Parece que eles têm prazer em reprovar, e a gente se sente humilhado, burro (sic) e muitas vezes incapaz de estar cursando uma universidade de tanto renome (trecho do depoimento de B, estudante do 5º período).*

O discurso de que a universidade pública deve ser o lugar de construção de conhecimento, do pensamento crítico e do aprendizado é, muitas vezes, questionado pelos alunos, que se sentem acuados, pressionados e desestimulados. Há relatos de estudantes que recorrem aos medicamentos para conseguirem lidar com essa pressão do produtivismo que cada vez mais invade os cursos universitários.

Em alguns relatos a ideia da evasão também é destaque como vemos no depoimento abaixo:

*Eu sinto como se tivesse que pensar como cada um dos professores, porque às vezes eles não querem que a gente responda ou debata sobre o que a gente pensa ou aprendeu, eles querem que a gente faça do jeito deles, e isso é muito difícil, porque são vários, e cada um quer uma coisa de um jeito. Ah, outra coisa: não importa se você trabalha, mora longe, tem casa pra cuidar, etc., eles simplesmente não entendem, parece que a nossa vida é só isso aqui. Você tem que ler tudo, tem que entregar o trabalho no prazo, independente se você está bem ou não, o que vale é que cumpra os prazos. Eu sofro muito por isso, porque sempre me cobrei o melhor, mas acontece que eu nem sempre dou conta, porque é muita coisa. Desde o 6º período eu tomo remédio, porque estava tendo crise de ansiedade. Eu já pensei inúmeras vezes em desistir, só estou aqui porque tenho uma família que me apoia, e é o meu sonho.” (trecho do depoimento de N., estudante do 9º período).*

Dessa forma, parece que a produção de trabalhos, leituras e provas passa a ser apenas um agente de avaliação, não importando o processo de aprendizagem e produção de conhecimento que dele pode ser extraído. O que parece é que academia tem perdido sua autonomia e autenticidade, e ao invés de cumprir seu papel de forma libertadora, desconstruindo as desigualdades impostas pela sociedade em que vivemos e acabando por reforçá-las. É preciso pensar até que ponto não está se transformando em agente opressor e mantenedor dos sistemas sociais.

Porém, vale ressaltar que tais comportamentos não atingem a todos os docentes, e alguns são vistos como ajudadores, estimuladores e exemplos nesse processo de formação, onde o resultado mostra-se mais efetivo porque construído em parceria.

*É verdade que eu me sinto desestimulada pela grande maioria, mas eu prefiro me apegar aos que têm coisas pra somar nesse processo, que me acrescentam e com certeza levarei um pouco desses para a minha prática. (trecho do depoimento de F, aluna do 8º período).*

Ou seja, analisando os dados e relatos dos estudantes, percebemos que o problema é grave e que é necessário que os órgãos responsáveis atentem para as questões trazidas, para que não vejamos os dados alarmantes de doenças, evasões e suicídios subirem ainda mais. A universidade precisa passar a ser vista como lugar onde transitam pessoas que devem ser tratadas e olhadas de acordo com as suas necessidades e especificidades.

É necessário que haja mais humanidade, sensibilidade, compreensão e parceria de todas as partes envolvidas nesse processo, para que o âmbito da academia seja lugar de troca de experiências e conhecimento, e que essas trocas se deem de forma prazerosa, e não como reprodução de uma sociedade maçante e excludente em que vivemos.

## **CONCLUSÕES**

Compreende-se que o período atual de regulação do capitalismo traz consigo um panorama cheio de exigências diferenciadas, demandas e desafios à educação e, de forma peculiar, à educação superior, incluindo aí os processos de internacionalização e globalização da economia. Nesse sentido, Chauí (2001) aponta que a universidade, como entidade administrativa, descaracterizada de sua função social e auto avaliativa, torna-se uma instituição que se pauta nas noções de produtividade, estruturada por estratégias de eficácia organizacional. As exigências mercadológicas são muitas e regulam as relações entre os atores sociais, assim como seus desejos, suas expectativas, suas motivações, suas emoções. É mais do que necessário que a universidade busque atuar de forma que o ensino, a pesquisa e os serviços de extensão atendam às exigências de uma nova maneira de ser e estar no mundo, enfrentando problemas atuais da estrutura socioeconômica que está posta.

Sendo assim, a produtividade acadêmica se transforma em uma mola propulsora de que tende a colocar a universidade à mercê do mercado, mediante os programas de incentivo à pesquisa e desenvolvimento que beneficia as empresas de capital nacional e internacional (SGUISSARDI, SILVA JÚNIOR, 2009).

Porém, é necessário ressaltar que, diante de uma extensa lista de fatores que tendem a atormentar a saúde mental dos estudantes, de certo também não será a sua única causa. Desta forma, se políticas de assistência à saúde mental dos estudantes fossem implementadas, provavelmente haveria alunos que buscariam esse tipo de apoio por diversos motivos. Atendimento clínico gratuito, grupos operativos e reuniões de assistência ao estudante

debilitado, além de monitorias eficazes para sanar dúvidas, podem ser opções para auxiliar na recuperação desses estudantes.

É necessário também que seja feito um levantamento de dados para que haja um estudo sobre os métodos pedagógicos aplicados aos estudantes e como estes correspondem ao ensino, uma vez que alegam falta de ânimo e dificuldade no entendimento das disciplinas.

Mesmo ainda não havendo toda a atenção necessária aos universitários, o simples fato de levantar a questão de que doenças mentais que têm alcançando os estudantes da UFF, talvez já seja o passo inicial para criar um ambiente favorável ao desenvolvimento acadêmico de propostas possíveis.

Por tratar-se de uma abordagem com viés interdisciplinar e de uma pesquisa breve, não foi possível aprofundar outros aspectos, como por exemplo, o fato do sofrimento psíquico também ser decorrente do processo de ascensão social a um espaço historicamente dominado pelo *ethos* de uma elite social, como é o caso das universidades brasileiras. Autores como Pierre Bourdieu já identificaram os efeitos da cultura de classe prevalente nas instituições de ensino. No campo dos estudos raciais há também literatura significativa sobre o tema, que engloba autores brasileiros clássicos - como Costa Pinto e Florestan Fernandes - na análise sobre os dramas que atormentam pessoas negras em trajetória de ascensão. Da mesma forma, discussões nessa direção também podem ser identificadas no campo de estudos sobre saúde coletiva.

Porém, essa pesquisa ateu-se a uma escolha epistemológica pautada em uma hipótese sobre os efeitos do produtivismo acadêmico, apontando a relevância que essa questão possui ao refletirmos sobre a permanência dos estudantes na universidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ASSIS, Aisllan Diego de; OLIVEIRA, Alice Guimarães Bottaro de. Vida universitária e saúde mental: atendimento às demandas de saúde e saúde mental de estudantes de uma universidade brasileira. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Florianópolis - Santa Catarina, Brasil, 2010.

BARBIER R. L'approche transversale, l'écoute sensible en sciences humaines, Paris, Anthropos, coll. Exploration interculturelle, 1997.



\_\_\_\_\_. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998, P. 168-99.

BRASIL. Decreto n. 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil — PNAES. Disponível em: . Acesso em: 18 nov. 2017.

BRASIL, L. L. Michel Pêcheux e a teoria de análise do discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. Rev. Linguagem – Estudos e Pesquisas – vol. 15, nº 01, p. 171 – 182, jan/jul 2011.

BOURDIEU, P. O campo científico. Traducción de Alfonso Buch, revisada por Pablo Kreimer. Actes de la recherche en sciences sociales. n. 1-2, 1976. Disponível em [http://www.4shared.com/get/WqzWcmTa/O\\_Campo\\_Cientfico\\_\\_Pierre\\_Bour.html](http://www.4shared.com/get/WqzWcmTa/O_Campo_Cientfico__Pierre_Bour.html). Acesso em: 02.02.2018

\_\_\_\_\_. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2004.

CHAUÍ, M. de S. Escritos sobre a Universidade. São Paulo: UNESP, 2001

Estadão - Aumento de transtornos mentais entre jovens preocupa universidades. Fabiana Cambricoli e Luiz Fernando Toledo, O Estado de S. Paulo, 16 Setembro 2017. Disponível em: <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,aumento-de-transtornos-mentais-entre-jovens-preocupa-universidades,70002003562> Acesso em: 18.11.2017

LYOTARD, Jean-François. A Condição Pós-Moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MACHADO, Ana Maria Netto; BIANCHETTI, Lucídio. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. Rev. adm. empres., São Paulo , v. 51, n. 3, p. 244-254, jun. 2011 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75902011000300005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902011000300005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em

03 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902011000300005>.

ORLANDI, E. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso. Campinas: Pontes, 1988

SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J. dos R. Trabalho intensificado nas federais: Pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

TREIN, E; RODRIGUES, J. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento mercador. Caxambu, MG. Trabalho apresentado no GT 9 da ANPEd, Reunião Anual de 2010.

VASCONCELOS, Natalia B. Programa Nacional de Assistência Estudantil: uma análise da evolução da assistência estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil. Ensino Em-revista, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 599-616, jul./ dez. 2010.